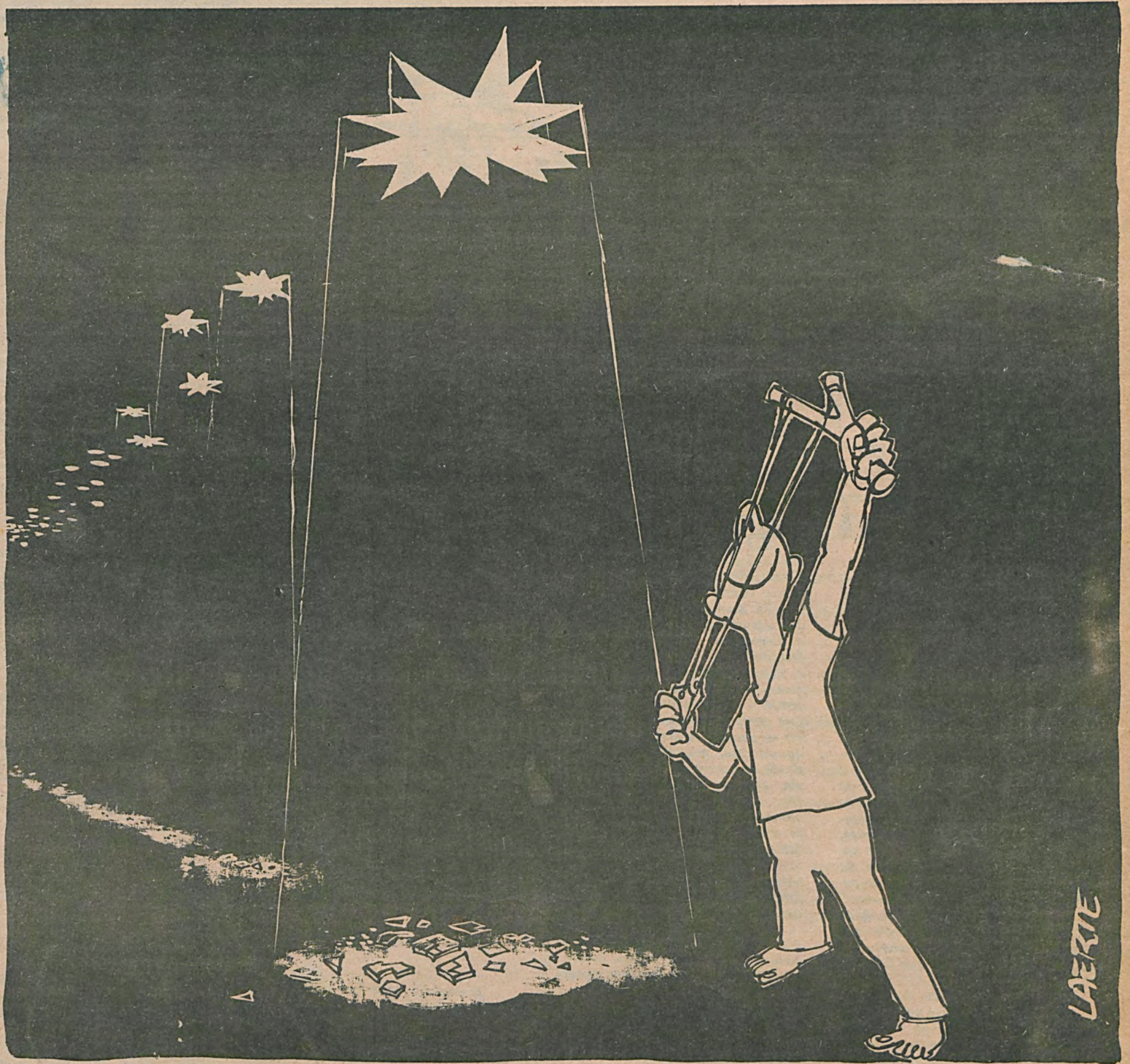


17 PORANDUBAS

"porã'duba; pergunta, notícia".



BOLETIM INTERNO DA PUC — SAO PAULO — ANO II — DEZEMBRO — SALA DE COMUNICAÇÃO



Descobrir o coração

EDITORIAL

NOSSOS ARTISTAS

Esta edição foi gestada desde setembro. Dela participaram funcionários, estudantes, professores. A coisa ganhou corpo e a equipe foi tomada por uma intuição: "A PUC TEM MUITOS ARTISTAS DESCONHECIDOS". Existe aqui uma forte corrente subterrânea de emoção, inconsciente de seu tamanho e talvez envergonhada de si mesma. Temos matemáticos fazendo cinema, atores que estudam Direito; psicólogos transando cine-clube e fotografia; professores que curtem jardinagem, (alta) culinária; o Coral resistindo (Renato, apareça!); funcionários-poetas; contistas em Sorocaba; gente que publicou livros. Essas atividades todas são uma forma de contestação particular, um NÃO individual à rotina, garantia do sorriso de amanhã, uma pintinha que

distingue rostos na multidão numerada.

Foi nosso sonho fazer essa revolta individual se divulgar, tornando-se um projeto coletivo. O sangue novo da criatividade precisa infeccionar algum discurso cheirando a mofo, ajudá-lo a renascer de cinzas já frias. Juntou muita gente, chegaram mais de 100 contribuições de todos os setores, tivemos de aumentar para 12 páginas. Desde já, prometemos neste jornal espaço para quem criar, pelos anos afora, especialmente o de 79...

Este número de Natal é uma forma de retribuir tanto carinho e incentivo que PORANDUBAS recebeu durante 78. Nosso presente a você é mostrar os artistas da PUC.

A REDAÇÃO



(de pé) Álvaro, Jorge Claudio; (sentados) Bi, Aurélio, Déborah, Dulce; (1º plano) Marcos João Rodrigues, Zanetti, José Nicolau

Esses meninos pretos
Com essa cor sem alma
Com os pés no chão
Não reclamam da vida
Só correm
Gritam e falam palavrão
Não sabem da Virgem Maria
Não cantam, nem penteiam os cabelos
Crescem a solta
Chupando o dedo
E rindo
Só choram à noite
Quietos, no chão
Na calçada
A pensar
Não sei se sonham

João Rodrigues
Economia

Bar do Tempo

na esquina do tempo tem um bar
onde muitos se embriagam com lembranças
chorinhos, sambinhas, rebolado e cabaré
que fecha com o sol e abre com a lua
no primeiro momento da puta-noite
a cerveja — a mesma — num dominó sem fim
na pinga de um santo sempre de fogo
pobre de bolso, rico de espírito, amém sai gente, entre
gente, eu também
numa batucada — batismo — vestibular
reprovado: condado, vai pagar
com satisfação — seu João — a conta
e posso voltar, sem cantar, posso estragar
já sou da casa, do bar do tempo, mais um...

Eduardo Viveiros de Freitas

Grace da Silva

não, o que eu quero é ser manequim
pousar assim, assim! (assim)
ter nome, ser famosa e rica
casar, desquitar, com cara de louça
pra variar enfiar, mistificar
sem trabalhar, só... eu sei como
não pro trem, pro subúrbio
praquele trouxa com cara de louça
com felicidade doméstica e filhos
farentes de semana em Santos — eternamente
pimentes — churrascos — piqueniques
novelas e filmes — futebol — não!
o que eu quero é ser manequim
nos meus dezesseis anos eu penso em mim.

A alegre casa de madame Horácia

A criança morrera, é com ela a esperança de dinheiro quase ganho que viria aliviar um pouco os horrores da miséria e do desengano que afligiam aquela casa.

Não fossem os excessos das noites em que se viu obrigada a permanecer até altas horas nas portas dos "Drives-in", ou mesmo ainda nas festinhas íntimas da alegre casa de Madame Horácia, e isso já nos últimos meses da gravidez, e Neusa teria podido atender a encomenda feita por aquele homem estranho e taciturno, que diziam muito rico e de boa situação no meio social, e que todas as sextas-feiras reservava para si algumas horas de prazer pago, tanto para Madame Horácia, a locatária do velho casarão de tolerância, quanto para Neusa, o objeto de seus desejos.

A encomenda fora feita numa noite em que Neusa estava maravilhosa e faceira, apesar de toda sua vivência e las marcas que o tempo que fizera.

Apesar da pouca idade, era talvez a vigésima experiência dessa natureza por que passava, e somente em três vezes tivera êxito, se bem que em uma delas a mercadoria não fora reclamada, vindo juntar-se às seis outras bocas que sem encomenda vieram ao mundo, mais por descuido, do que por previsão.

Os três primeiros meses daquela gravidez encomendada e programada, passaram serenos e tranqüilos, com

Neusa alimentando-se e aos filhos, como se tudo fosse um sonho.

Foi quando a velha rameira começou a estrilar. Com a ausência de Neusa, a alegre casa perdera seus melhores freqüentadores, e as ameaças do rufião, o homem pelo qual Neusa morrera, se fosse preciso, começaram a se fazer sentir. E Neusa voltou, convencida de que compromissos morais não podem ser esquecidos. Afinal, foi freqüentando aquela casa, que conseguira sobreviver desde que a desgraça se abatera sobre ela, com o nascimento do primeiro filho, fruto de suas ligações com o amante de sua mãe, e com o subsequente suicídio desta quando soube dos fatos.

E foi assim pensando, que Neusa voltou, e com ela, os freqüentadores de sempre, mantenedores da velha e sórdida casa de prazeres fáceis.

De início suas visitas eram feitas em dias alternados, para desvencilhar-se do comprador do fruto de seu ventre.

Com o passar dos dias, porém, o desejo e a devassidão tomaram-na de roldão, obrigando-a a dedicar-se a suas noitadas de corpo e alma.

Ao fim de nove meses, sem que o comprador se apercebesse de suas andanças, Neusa recolheu-se novamente, à espera de que a encomenda "branco como ele e loirinho como ela" viesse ao mundo para que o contrato chegasse a termo, e a promessa de pagamento fosse cumprida.



desenho: Rubens

E naquela noite fria de julho, na última porta do imenso cortiço, à luz tênue de uma lamparina, em presença do comprador impaciente e nervoso; de Madame Horácia em todo esplendor de seus cento e vinte quilos bem divididos, e do estróina que a um canto jazia bufando sob os vapores da segunda garrafa de cachaça; o tão decantado menino, que ao preço combinado de cinco mil cruzeiros, deveria ser "branco

como eu, e loirinho como você", rebentou para o mundo, sob a forma miúda e frágil de uma negrinha estertorante, que alguns minutos após, entre pragas e maldições, deixava este mundo sem conhecer-lhe as misérias e as dores.

José Nicolau Cesário de Abreu
(Pedagogia)

O despertador pulou gritando às seis da manhã. Depois de um filha da puta e uma ave-maria, foi a perna esquerda, a direita e a coberta pro chão. Coçou de leve a nuca, confirmou a hora no rádio e foi ao banheiro. "Como esse cara consegue acordar tão cedo?"

Lembrou do café em pó que o Mané da venda tinha lhe dado na noite passada. "A fraguesa isqueceu e não beio vuscar". Deixou a água no fogo e foi até o portão. O chuveirinho chato da semana inteira não foi embora no sábado.

O café bem forte tirou o resto de sono dos olhos. Escovou os dentes com cuidado, por causa dos buracos nos dentes de fundo" e saiu. A fila do ônibus, comprida prá variar, ia até a venda. Aproveitou prá agradecer o café e fiar um maço de cigarro.

Pendurado na porta traseira do ônibus, mal podia segurar-se. A ponta do pé esquerdo escorregou e lá se foi a sandália, o segundo par do mês.

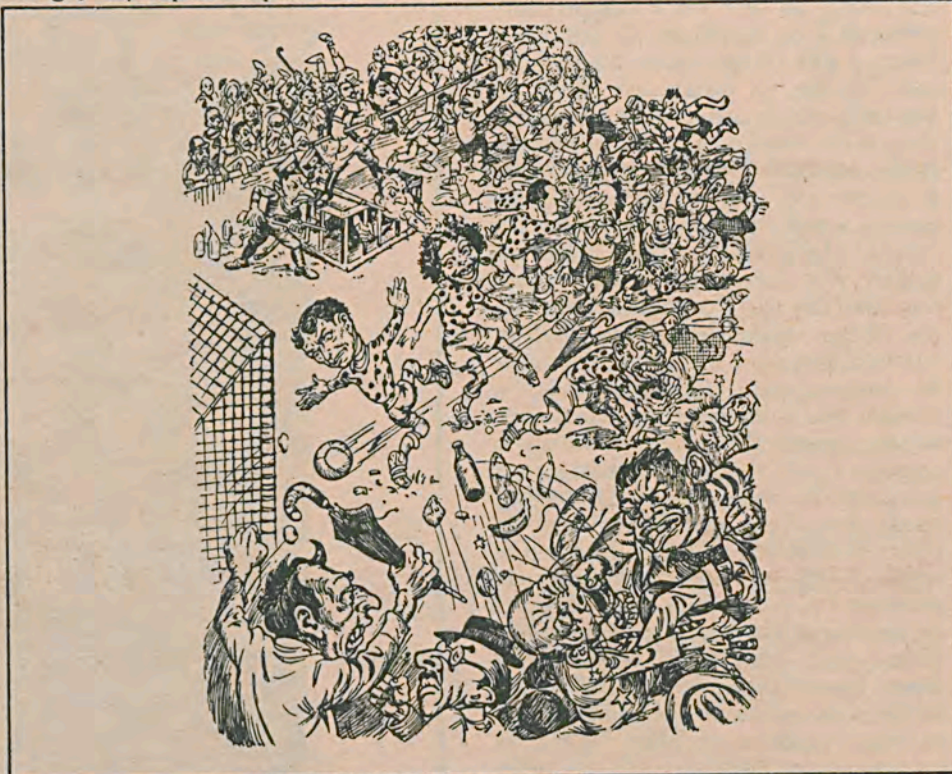
Pedreiros, serventes e ajudantes de marcenaria esperando abrir o portão da obra comentavam o último jogo de futebol: "Nunca vi tanto fogaréu." — "Parecia o fim do mundo." — "É, Coríntia é assim mesmo."

Depois dos "bom dia", "como vai a família?" e "pra você também", começou o trabalho. A serra, maldita que comeu dois dedos da mão direita, zunia e roncava fazendo voar longe as lascas de peroba, cedro e pinho. As pranchas iam sendo empilhadas perto do túnel do elevador, na laje de cimento. Faltavam dois andares prá completar os desesseis do prédio. Logo a construtora ia começar o acabamento da obra e não ia mais precisar da marcenaria. Oito meses trabalhando pela primeira vez no único ofício que tinha aprendido. Pensando que agora já tinha experiência "em carteira, registrado", quase estraga uma prancha de peroba que ia entortando na mesa. "Presta mais atenção, seu bocó."

O ajudante desligou a máquina e mostrou o relógio, já passava das três. Desceu pela escada poeirenta, entrou no banheiro e urinou com vontade. Lembrou-se da partida de futebol, no domingo, e foi para o ponto de ônibus

ensaiando os dribles que iam deixar tontos os beques do adversário.

A farmácia estava quase fechando, quando entrou e pediu um rolo de ataduras. Saiu com o pequeno pacote enfiado no bolso traseiro da calça. O



EDUARDO LUIZ VIVEIROS DE FREITAS:

(História USP e Almoarifado PUC)

"nem mesmo sei se escrevo. Confesso uma enorme dificuldade para escrever, problemas com a linguagem, principalmente quando tento a popular, que é mais difícil. Gosto do que escrevo e estou aí pras críticas. Moro praticamente na Universidade: trabalho no Almoarifado da PUC e estudo História na USP. Neste primeiro ano já deu pra sentir a diferença da realidade das ruas, do povo e aquela que é vista de dentro do campus. Um mundo é o cheio de problemas (a realidade) e outro é cheio de discussões e assembleias (a Universidade) bem distantes um do outro. A criatividade sofre com isso. Se você se mete a escrever, já se compromete. Daí vêm as preocupações com aquele cara que leu fulano, beltrano, e "manja pacas" ou com a linha da escola ou de tal e qual tendência. Na realidade, que é a matéria-prima, a coisa é pior. Aí você acha que está romanceando demais, ou que está real ou violento demais, acha que falta alguma coisa... e desiste simplesmente de escrever."

chuveirinho não caía mais. Resolveu comemorar a virada do tempo com uma brahma e uma branquinha, "prá quebrá o gelo". Seu vizinho de quarto acabava de sair do bar, mas desistiu de chamá-lo, pois o fulano já não se agüentava nas pernas, andava, tropeçava, andava, tropeçava. Pediu o veneno e sentou num banquinho de madeira, ao lado de uma pilha de caixas de cerveja.

Um copo de cerveja, um gole de pinga. Assim foram as três bramas e as duas doses da boa, do fundo do barril. Contou a primeira piada e cuspiu grosso no chão do bar. O dono riu, nas não gostou da cuspidinha. Pediu desculpa e a conta. Pagou. Na venda do português, que fechava cedo, podia pedir fiado, o português era boa gente. As duas quadras até a pensão esticaram um pouco. Sentiu o cansaço e sentou na primeira soleira que viu. O sono bateu forte, começou a se acomodar e dormiu.

Acordou com um vira-lata lambendo seu rosto. Esticou as pernas e os braços devagar, levantou e apalpou os bolsos: a profissional, o lenço, a caneta e o pacote, tudo em seu lugar. Nunca mais dormiria na rua, era perigoso.

Perguntou as horas a um velho e teve que torcer o pescoço pra ver: o velho carregava uma sacola muito pesada e arrastava um pequinês. Correu até a pensão, lavou o rosto, vestiu uma bermuda e uma camiseta. O pacote de jornal levava a chuteira e as ataduras.

Pagou a passagem e sentou no banco da frente, vazio só no domingo. Passou a igreja, no relógio do alto da torre eram sete e vinte.

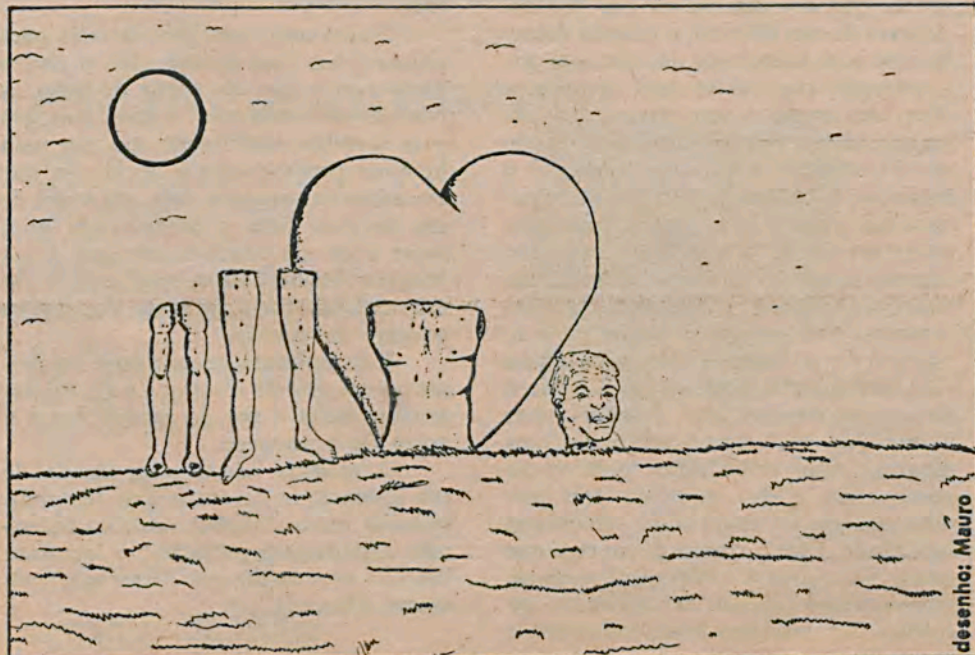
Entrou no bar e perguntou pelo pessoal. Tinham saído na hora pela primeira vez. Olhou pro céu e tapou a vista. Foi andando até cansar. Os pés doíam quando chegou na pensão. Tomou banho e deitou. Sonhou com a serra cortando os dedos da mão direita, outra vez.

Reflexão Primária

Pensares eloqüentes, inconseqüentes
Caminhos dementes,
Vontades improcedentes,
Olhares doentes;
Chega de entes!
Agindo, coagido;
Elevação... eis a coerção
Abaixo a pressão?! (arterial)
Bate mais forte o coração,
Impulsos desordenados,
Tudo mal ordenado, ordenado!
momento de convocação,
Cabeça, troncos, membros,
Todos à reunião, sem confusão.
Agora sem pressão,

Sim, abaixo a pressão... alta
Pensar!
Um dia hei de fazê-lo;
Caminhar!
um dia hei de pensar em fazê-lo;
Ansiar! um dia "se a vontade deixar"
Olhar!
Agora, não vejo o quê e o porquê.
Em frente.
um, dois, um, dois...
dois, um — não!
um, dois, um, dois, um,...

ALVARO BEM-HAJA DA FONSECA
(Direito)



desenho: Mauro

SINFONIA

Minha maior canção é minha dor
Minha canção de tons — teclas — minha canção de tenras terrar desnudadas ao sol
Dói como sertão em seca.
Esta dor esturricada, sem lágrima. Esta canção que não é em sibemol, é, antes, simples, sem enfeites
Dói sem contorno nenhum
É ferida de não pertencer ao povo, nem aos artistas, nem aos intelectuais
É, antes, a dor da classe média — individadada, burguesa, alienada
É antes a dor de não ter esquistossomose — e de não poder curá-la
Esta é a canção fecunda
A canção de não se ter lugar definido
De estar como átomo
De ser e de não ser
De ser infinitamente o que não se explica
É dor de se corroer
É, antes, a dor guiada pelos corruptos
A dor de ser mortal
De ser só
É a dor de ser feliz ou de ser triste
É a sinfonia de todas as mainhas, que me faz surda, que irrompe pelos olhos, pela boca, pela coxas.
Que rasga minha carne em tonalidade estranha
É o tom incompreendido e louco e lindo de estar viva

DÉBORAH DE PAULA SOUZA
jornalismo

Depois de ter passado pelo fogo,
Chego e sinto o teu calor
Antes de chegar na tua pele
sinto o cheiro do amor

Dizer sim ao vento forte
que me leva dentro a ti
trazer sonhos de suporte
para o amor que eu vivi

Cheiro de mortos

Havia já algum tempo que seu nariz teimava em sentir um cheiro intenso de mortos. No primeiro dia em que sentiu esse cheiro pensou que estivesse resfriada. Cuidou-se com chá de alho e aspirinas. Estranhava, no entanto, que seu resfriado apenas fizesse com que sentisse cheiro de mortos, mas não lhe tirara a possibilidade de saborear os alimentos que comia. Tratou assim da causa do incômodo que a perseguia por umas três ou quatro semanas. Não se livrou, contudo, do seu mal. Como ele persistisse, julgou que o combatia atacando-o pela causa errada. Atribuiu, então, o cheiro que seu nariz lhe enviava a alguma ferida interna e tentou curá-la com lavagem de água e sal. Também esse tratamento foi vão. A cada lavagem parecia que seu nariz mais se abria para receber e lhe enviar um cheiro de mortos mais forte. Desistiu de suas próprias interpretações e resolveu recorrer a um médico, que mesmo depois de lhe fazer todos os exames que acreditava necessários, não descobriu a causa de seu sintoma: seu organismo funcionava perfeitamente não havia nenhum distúrbio físico. Cansada de sentir sempre aquele cheiro que a afastava cada vez mais de uma vida normal, cedeu à tentação de recorrer a um centro de umbanda, depois a uma curandeira, a um padre que a perdoasse de seus pecados (começava a tecê-los para ter a razão daquele cheiro inoportuno), a um psiquiatra, e depois de mais de ano de tratamentos infundáveis, resignou-se a entregar-se àquilo que lhe parecia ser o seu destino.

Seus parentes, amigos, filhos e marido, todos preocupados com seu estado doentio, cercavam-na de penas e cuidados, ensinavam benzeções e medicações caseiras e esdrúxulas, enchiam-na de perguntas, protegiam-na. Quando começou a entrever que sentir cheiro de mortos era seu destino, começou também a não mais comentar com ninguém seu inconveniente. Resignada à sua própria sorte e com pena de si mesma, entrou num longo período de tranquilização, onde pensava que apesar dos pesares estava tudo bem, porque afinal de contas era isso mesmo, e que ainda bem que não tinha perdido a voz, nem os olhos. Só não era mais capaz de sentir o cheiro próprio das coisas.

Foi assim que deixou de se lamentar e de andar aflita atrás de um remédio que a curasse. Foi assim, também, que acabou por achar mais aborrecidos os cuidados e atenções asfixiantes que recebia dos outros do que o cheiro contínuo e desagradável de mortos. Deixou aos poucos de falar do caso e de tal modo, que as pessoas foram com o tempo se esquecendo dela e do seu mal.

Voltou ao seu ritmo normal de vida e aos seus afazeres. Muito embora aquele cheiro de mortos não a abandonasse e fizesse morada nela, e muito embora não conseguisse sentir outro cheiro do que aquele, muitas vezes, por dias, chegava a se esquecer dele. O cheiro de mortos se escondia nos seus interesses e na sua vivência do cotidiano.

Veza por outra, por falta de outro assunto, alguém lhe perguntava sobre sua doença. Era quando respondia com uma nova receita de tricô que aprendera, com o comentário da novela que estava assistindo, ou com o sucesso que seus filhos alcançavam no estudo. Se a pergunta voltasse ela dizia não mais perceber o cheiro de mortos.

Com o passar do tempo, entretanto, embora o cheiro de mortos não lhe

houvesse roubado a visão e a fala, o que ela falava do que via e compreendia começou a se modificar. O que via e compreendia e o que falava do que via e compreendia, se distanciava tanto do que todo mundo falava, via e compreendia que ela começou a pensar que estava enlouquecendo. Quando em conversas se comentava acontecimentos, seus apartes sempre pareciam esquisitos aos outros. Ela mesma percebia que seus comentários destoavam e não tinham eco, mas eles não lhe pareciam esquisitos. Eram verdadeiros. Não tinham, contudo, eco entre os outros. Foi ficando confusa, meio espantada de que a verdade que se lhe mostrava não pudesse ser compartilhada com os outros e começava a se perguntar se não estava mergulhando num mundo fantasioso, imaginário. Teve um medo louco de poder estar louca, mas não era como se sentia. Como as pessoas ouvissem suas palavras e a encarassem com estranheza, decidiu-se por falar o mínimo necessário e falar sobre as coisas que não a distanciassem dos outros. Encomendava as compras, opinava sobre modelos de vestidos, auxiliava os filhos nas tarefas escolares fazendo-os assimilar os conhecimentos objetivos, pedia ao marido que consertasse os aparelhos domésticos quebrados, orientava a limpeza da casa. Não comentava mais, todavia, acontecimentos. Não falava sobre o significado das coisas, nem como compreendia atitudes de outros ou as suas próprias ações.

Vigiava-se constantemente e com o máximo de cautela. Analisava, em silêncio, separando, tudo o que podia distanciá-la dos outros e tudo o que lhe pudesse permitir uma coexistência homogênea, pacífica, sem atritos e disparidades. Assegurava-se, então, de sua lucidez, movimentando-se no âmbito das coisas previsíveis, calculáveis, precisáveis, sem riscos.

Foi assim que descobriu que era esse o universo saudável em que as pessoas circulavam, e chegou a pensar que era uma infeliz, portadora de um grande pecado, porque precisou estar entupida de cheiro de mortos para que descobrisse o segredo da convivência pacífica e sã com os outros. Enquanto todos já nasciam sabendo disso, ela precisou adoecer profundamente para chegar a essa evidência. Com a descoberta pensou que, por fim, tivesse chegado a hora de se livrar do ainda presente e cada vez mais intenso cheiro de mortos.

Sua evidência não a libertou nem a limpou de sua culpa. Seu pecado era cada vez mais ressaltante e cada vez mais difícil de ser suportado. Apesar de ter descoberto um modo que lhe garantisse não distoar dos outros, sentir cheiro de mortos em tudo e em toda parte era um modo de encontrar-se interminável. Além disso, estar no meio dos outros sem comentar acontecimentos era, agora, como olhar para a cegueira deles e estar no meio deles como se estivessem em mundos diferentes. O distanciamento, cada vez mais marcado, calou-a. Com o cotidiano da vida de todo mundo transcorrendo, transformou-se numa muda: não lhe faltavam palavras, mas era incapaz de pronunciá-las, assustada frente ao iminente perigo do rompimento e da sua própria morte da coexistência com eles.

Os que antes estranhavam sua doença de sentir cheiro de mortos, depois seus comentários distoantes, terminaram por estranhar seu mutismo. E



talha: Zanetti

depois de comentarem entre si abertamente, ou em cochichos quando estavam em sua presença, concluíram o que ela já concluíra há muito tempo, lúcida-mente: que estava louca. Enquanto para todo mundo se reforçava a interpretação de sua loucura como causa de suas esquisitices, ela se reforçava a compreensão de que sua loucura era a compreensão do seu mundo sem mistificações. Compreendia a sanidade de sua loucura e a doença da lucidez de todo mundo.

Enquanto emudecia para os outros, aproximava-se cada vez mais de si mesma e ganhava uma propriedade de existência que era inacessível aos demais. Através do seu silêncio, o mundo desvelava-se com uma força descomunal que a carregou para dizer suas compreensões sem medo e sem necessidade de segurança nos fatos indiscutíveis. Tudo era discutível e os fatos não eram por si mesmos. Foi dessa forma que se adentrou no mundo dos outros com suas palavras: que o cheiro de mortos não estava em seu nariz como uma doença sua. Que o cheiro de mortos vinha deles mesmos, pois estavam mortos para si, mortos de si mesmos, afogados numa vida impessoal e sem mistérios. Que o cheiro de mortos que descobria nas plantas, na natureza, estava nelas pois ninguém mais tinha olhos para vê-las como eram e elas morriam pois não mais podiam ser vistas como são em sua totalidade. Que o cheiro de mortos que estava nas coisas era das coisas mesmas, pois ficavam apenas armazenadas no celeiro das reservas humanas, pura e

simplesmente, apenas à espera de virem a ser usadas.

Suas palavras provocaram um alvoroço entre todo mundo. As pessoas começaram a sentir-se muito mal, incomodadas, feridas, agredidas. Seus olhares de estranheza, de desdém, de enfado não mais a calavam nem a enfraqueciam. Contrariamente, pareciam aumentar suas forças e enchê-la de um vigor estonteante para todos. Sua firmeza intimidava a todos e ninguém mais conseguia sentir-se seguro em sua presença ou quando ela se fazia presente em suas lembranças. A vida de todos estava vivendo o perigo da instabilidade.

Numa noite em que ela saía para passar pelas ruas descobrindo o cheiro novo e vivo que ela sentia de tudo, as pessoas se reuniram. Explodidas em suas revoltas, envolveram-nas por uma humana preocupação e decidiram que em nome da sanidade dela, em nome de seu próprio bem a protegeriam num lugar onde ela pudesse, entregue à sua própria loucura, estar resguardada do inconveniente que a presença dos outros pudesse lhe causar.

A ambulância encontrou-a no momento em que ela dizia que o cheiro das árvores tinha a cor do amanhecer e o gosto do aconchego.

Os médicos não tiveram dúvidas de sua loucura. Livraram-se dela tentando fechá-la numa solitária onde os outros não a pudessem perturbar e lacram sua cela com os dizeres: "Irrecuperavelmente Alienada".

DULCE MARA CRITELLI

Tempo de partir

Partir
sem condução,
sem Deus,
sem adeus.

É tempo de Partir
sem mulher,
sem criança,
sem homem.

Partir o homem,
abrir estrada;
Cavar a terra,
arrancar o homem-estaca.

Fazer-se fio,
travessia.
Fazer-se cerca
que beija a terra.

E nesse chão
o grão seco jogado
do arroz que morre

em cachos amarelados
(gosto de resistência),
em bagas vermelhas
do feijão que sobrevive
(gosto de sangue e cotidiano),
do milho que se abre
para o verde grão-esperança,
para o sol que queima,
na terra ferida e cortada,
o corpo do homem
(gosto de mão e enxada),
desabrochar.

É tempo de partir;
repartir o chão;
do chão partir;
partir nu,
Como parte o grão
que arrebenta a terra
e nasce para as manhãs do homem.

Jozimas Geraldo Lucas (P.F.T.H.C.).



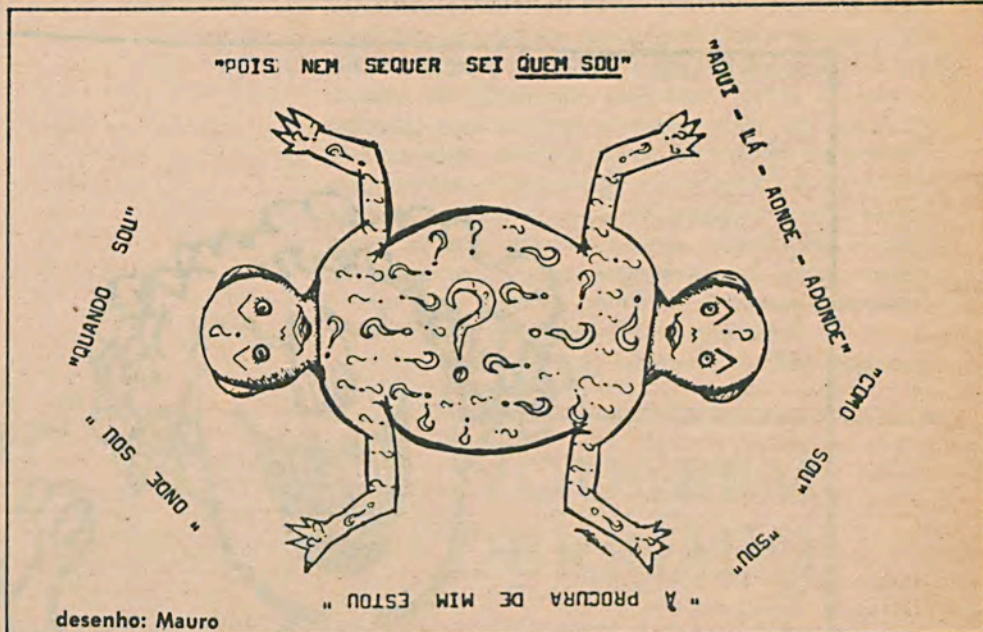
desenho: René

Pintar o momento

Pinte os sonhos
mesmo os enfadonhos
Pinte pontos coloridos
exprimidos
Pinte sentidos soltos
Pinte de fresco
o vento parado
Pinte a indecisão a insegurança
do país ancião
Pinte as explanações com a cor esco-
lhida
pré-determinada
Pinte galinhas e cubra de razão
os pobres
Pinte de gente o sufoco do mundo
pisado
Pinte esperanças loucas para crescerem
mas ainda intercaladas
Procure achá-las
e vá tomar uma Coca-Cola



"tenho vontade de escrever sempre que me deparo com o sufoco do mundo e eu nele "bem" integrada. Mas nem sempre dá para conciliar os contrastes de ser universitária e ter que trabalhar e gostar de escrever". LAÍS DE MIRANDA CÉSAR (Secretaria do Pós)



desenho: Mauro

De onde... Para onde

Enclausurada na cápsula de mim mesmo
De que cabo Canaveral tenho partido?
E que estrela Vega é meu destino?
Se estou preso no Sideral do meu próprio inconsciente?
De onde venho e para onde vou?
E diante de mim o painel que não sei manobrar.

O radar me demonstra meteoritos que se chocam, ondas que me trazem notícias de astros inatingíveis, distantes. Não tenho noite nem dia. Boio no espaço e minha alma está vazia. Somente a solidão.
O rádio me demonstra que estou vivo
Que outros me acompanham mais longe, muito longe.
Não sou ilha, nem horizonte
Não sou passado nem futuro
Sou presente radiante
Sou paz, sou guerra!
Angustiado inconstante,
Sou ser perdido no espaço. E minha nave caminha
Em busca desta estrela.
Manobro o leme da Fé

Vou nas asas da Esperança
Aciono os motores atômicos do Otimismo
E minha nave caminha... Veloz...
E transponho esse espaço
Tão depressa... tão depressa...

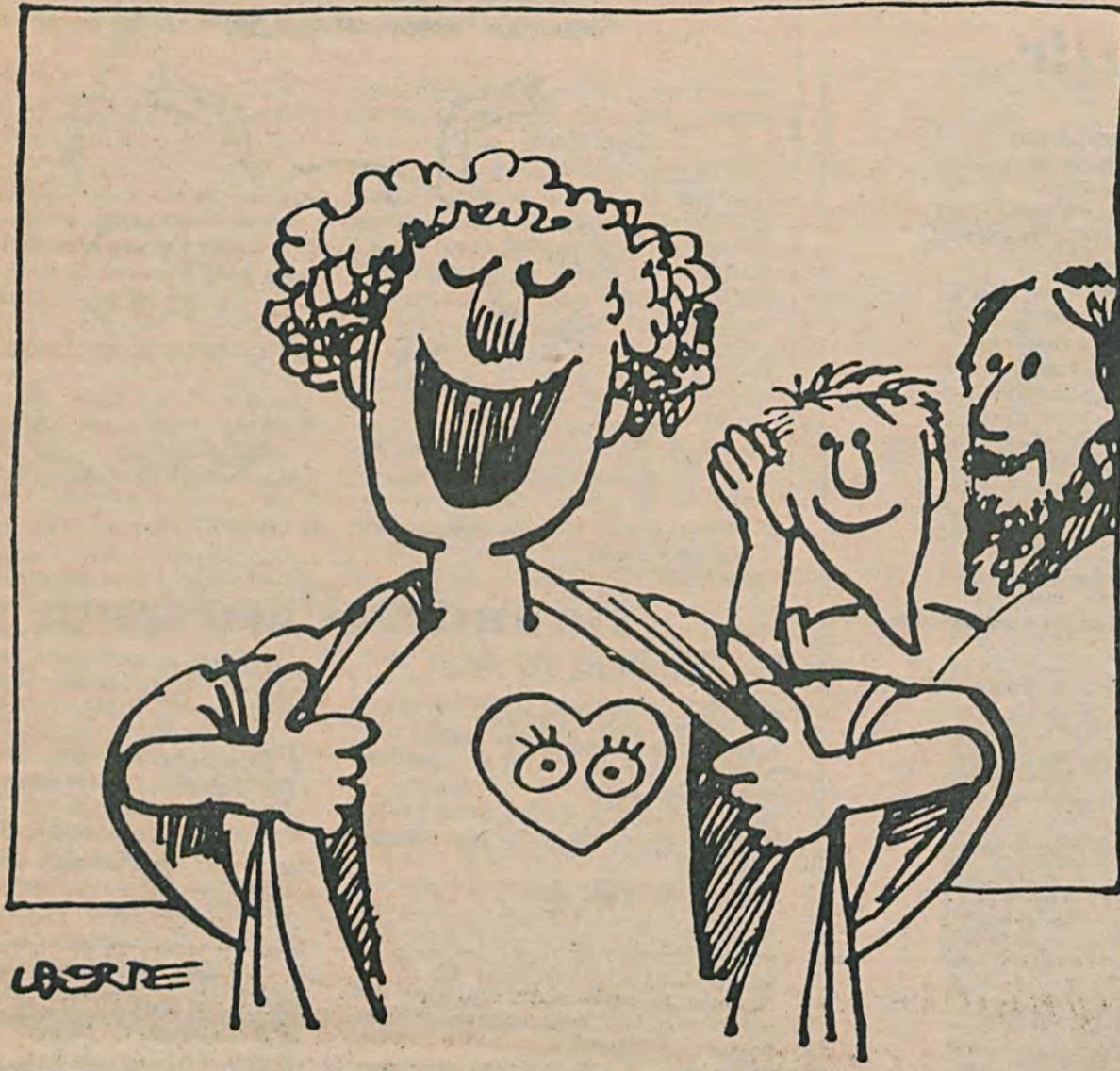
ADIEL FIGUEREDO
(Pós filosofia da Educação)

"Nasci em Cabedelo, na Paraíba lá pra 1921. Com Enilde tenho 6 filhos. Desde os 15 anos faço poesia. Ainda me lembro de uma poesia de Casemiro de Abreu que li quando era garoto. Nunca parei de fazer poesia, aproveito a inspiração quando ela surge. Uma vez sonhei que passeava com Érico Veríssimo e ele me declamou uma poesia: acordei e a escrevi rápido. Acho que pode haver muita relação entre a linguagem poética e a universitária. Por insistência de amigos publiquei um livro 'EU E O MUNDO' que reúne 48 poesias desde a adolescência até hoje".

É hora

PARTIR:
Só partir.
Partir só.
Partir por partir: pra deixar
Deixar pra partir.
Partir é difícil
Fácil é deixar de partir, ou é difícil?
Difícil é ter que partir, ou é melhor querer partir?
Partir daqui, ou dali?
NÃO ADIANTA PARTIR, ou adianta?
Adianta deixar de partir e ficar?
Melhor seria não ter e não querer partir.
Mas precisa-se partir! ou não?
Partir é fugir?
Partir é ir e não voltar mais?
Porém todo mundo um dia parte, ou será que não?
Partirei ou partirá.
Se não partir, sei que um dia será um outro.
PARTIR:
"Todos os dias o aeroporto em frente me dá lições de partir..."
Todas as noites o avião parte.
Todas as noites o sol parte, ou não?
Todos os dias as estrelas partem, ou sou eu que não as vejo?
Partir, jogar tudo pra trás.
Partir, varrer tudo da frente, deixar todo o caminho livre, ou não?
Partir, o medo é ter que voltar, ter que relembrar.
Porém parte-se, compra-se a passagem e parte-se, não é?
Partir: partir mesmo por quê? Pra quê? do quê?
Mas parte-se.
Partirei ou partirá.
Partir ou não: eis a questão!

MARCO AURÉLIO SANTOS MACEDO
Medicina - Sorocaba



Me Dá!?

“Puxa vida... Por que essa droga de dia não sai logo? Essas noites frias só terminam mais tarde. Já não agüento mais essa doença! Na hora de acordar me vem um cansaço tão grande, uma vontade sem fim de ficar dormindo.” — Vamos, Luís, acorde. O dia está lindo! Você precisa tomar sol, vai fazer bem!

Como era boa aquela voz! Ao ouvi-la o rapaz ganhava força, enfrentava o choço da vida, com seu cortejo de incômodos, dores, remédios amargos e sobretudo a solidão.

— O céu está azulzinho, prosseguiu a voz, nascem os primeiros brotos da primavera, as flores estão começando a se espreguiçar lá fora, iguaizinhas a você.

— Mãe, disse Luís, essa não é a melhor hora para brincadeiras! Você vem me acordar de madrugada! Quero dormir até o dia ficar mais claro.

— Madrugada? Pois saiba que já costurei, lavei a roupa, o almoço já está pronto. Hoje fiz seu prato predileto — lentilhas!

— Que deu em você? Pobre mãe! Desde a morte de papai você se cansa com tanto trabalho e eu nessa cama há tanto tempo. Com a cabeça doendo não posso ajudar. Perdi o ânimo até para fazer aquelas cantigas que você gostava tanto! Mãe, você está tão atarefada e nervosa que troca o dia pela noite...

— Filho, abre os olhos, você não está me vendo?

— Ué, estou de olhos abertos! Por que essa voz aflita? Oh, você está chorando! Por quê?

Terrível constatação fizera a mãe. O estado de Luís foi piorando. A cegueira atingiu o rapaz em seu íntimo. Seu

ânimo amortecido não se levantou mais. A mãe não sabia o que fazer. Às vezes discutiam:

— Meu filho, você vive como um parasita. Recebe tudo de mim e só sabe exigir. Não faz mais um gesto de agradecimento! Podia sair, bater papo com as pessoas da rua. Quem sabe seu humor melhorava...

— Ora, você não lembra que andei dando alguns passeios? Eu me revoltava quando me chamaram de “Ceguinho”. É muito ruim ser conhecido por minha deficiência! O pior é que nem adianta correr atrás da molecada.

— Sua pior deficiência é não querer me ajudar. Você sabia que o preço do trigo subiu? Não temos dinheiro e a dispensa está vazia!

— Ora bolas, o papel da mãe não é “ajudar o filho em todas as ocasiões”? Você vive repetindo isso! Agora que preciso, quer negar a proteção que sempre me deu?

Mas, forçado pela situação insustentável e sentindo uma grande vergonha, Luís se deixou conduzir pela mãe até a porta da cidade. Era de manhãzinha. Por lá passavam todas as carava-

nas, era ponto de encontro de comerciantes e, naturalmente, dos mendigos. O barulho era grande e os pedintes procuravam chamar atenção:

— Uma esmola para um paralítico! Eu não tenho nada! Caíram meus dedos e orelhas. Não posso trabalhar!

Os frequentadores habituais estranharam o jeito do novato:

— Eu sou o Luís e preciso ajudar minha mãe e a mim mesmo. Uma esmola por favor.

Seus companheiros caíram na gargalhada. Afinal “onde se viu mendigo bem-educado? Quem precisa, grita!”Então o rapaz gritou, até mais forte que os outros porque nunca sabia quando vinha alguém. Sempre havia novidade por ali:

— Ele está chegando! gritou alguém excitado.

— Quem é? perguntou Luís.
— Não é ? perguntou Luís.
— Não o conheço. Dizem que é um tal de Josias ou Josué, não sei ao certo. Parece que faz atos poderosos! Ele vai passar bem por aqui! Você que tem voz forte, grita pra chamar a atenção de Josias, tem muita gente em volta dele! Luís caprichou:

Que vida

Esta vida, não é vida,
Se você quer ter vida,
Precisa ficar sem vida,
Sua própria vida.

Esta vida sem padrinho,
Não é vida,
É só dívida,
Com pouca vida.

Tenho sede! Tenho fome!
Tenho a minha vida!
Não tenho padrinho,
Padrinho com minha vida.

Que bom seria,
Se a vida, fosse vida,
Sem padrinho ter a vida.

MAURO (Protocolo)

— GRANDE HOMEM, VEM AQUI / FAZEDOR DE MILAGRE, FILHO DE DAVI / SEU NOME É JOSIAS OU JOSÉ ? ELE SALVA A QUEM QUISER!

Foi logo interrompido por um sujeito mandão:

— Cala a boca rapaz! Vai incomodar o Mestre! Que berreiro!

— Pedro, corrigiu o tal Mestre, deixe-o em paz. Quem sabe se posso fazer alguma coisa por ele. Como é teu nome? Que queres? Que sabes fazer?

— Meu nome é Luís, só sei pedir e quero que o senhor dê um milagre pra mim e aqui pros meus companheiros!

— Ah, todo mundo pensa do mesmo jeito... Então você acha que milagre é mercadoria, que se dá, vende ou empresta? Um milagre, dos bons, tem que ser suado, até sofrido, por mim e por vocês. Mas será que você só sabe mesmo pedir?

Luís já ia se desculpar, dizendo que desde a infância estava mal acostumado. Entretanto, ele se lembrou das cantigas que inventava para mãe e das rimas que achava de repente. Parou um momento, deixou a emoção da descoberta escoar um pouco e entoou, com voz tateante: “Aqui nasce um repentista o meu nome é Luís

perdi o poder da vista
de ver cores e a luz”

O pessoal bateu palmas, animados, rindo. Por dentro do Luís foi nascendo um sentimento novo, não se sentia tão parassita como antes.

Arriscou mais uma vez:

“Lhe agradeço a amizade
este homem é um luzeiro!

que revela a verdade
nos indica o caminho”

— Nem tanto, Luís, corrigiu o Mestre. Eu só ajudei a descobrir o que você já tinha na garganta e esquecer um pouco dos olhos. Só é cego quem não aprende a ouvir seu coração.

— Gostei, Mestre, você falou bonito! Olha só o que acontece com certas pessoas:

“Muita gente é da mentira
eu afirmo e não nego
pode ver mas não enxerga
inda quer guiar um cego!”

Foi uma explosão de gargalhadas. Já tinha juntado muita gente. Ao longe ficaram os fariseus, por medida de precaução. O Mestre se animou: — Este cego vê mais que muita gente! Você não é cego coisa nenhuma! A partir de agora será chamado “Luís, o Cantador”!

— Bondade sua, Mestre. Escuta só:

“Prato raso e poço fundo
tudo tem profundidade!

O milagre é ver o mundo
com os olhos da bondade!”

O Mestre e seus amigos sentaram em torno do cantador e Luís sentia o dom brotando forte e o distribuiu com felicidade. A tarde passou rápido. Sua cantiga foi interrompida por uma voz suave, chamando. O rosto do antigo cego se iluminou:

“Minha mãe, minha maezinha
você que me levantou
quando de madrugada
o meu mundo desabou

Obrigado pelo amor
não me quis só pra você
libertar lhe causa dor
seu padecer me fez viver!”

A festa continuou noite adentro. Foram todos comer lentilha na casa do Luís.
(DO LIVRO “A VÉSPERA DO MILAGRE”)

Jorge Claudio Noel Ribeiro Jr.

(professor e jornalista)

Castália Benedita Pereira da Silva hoje tem cerca de 46 anos. Desde os dois meses até os 14 anos morou num convento onde fora recolhida pelas freiras, Casada, com 3 filhos, trabalhou como doméstica até os 40 anos. De vez em quando compunha suas musiquinhas. Contudo é na pintura que se revelou uma das nossas melhores pintoras primitivas. Por acaso. Conta-se que pintou uma paisagem para tapar a mancha deixada no filtro d'água pelo rótulo que retirara. Todos os que viam, gostavam. Soube de um convite do Museu do Sol para os pintores primitivos e foi lá. Gostaram tanto, que ela ficou um mês pintando lá. A consagração veio quando um quadro seu passou a integrar o acervo do MASP.

O Mauro, do Protocolo, é seu vizinho, e trouxe algumas declarações de Castália para PORANDUBAS:



"Sinto os intelectuais, os críticos de artes plásticas, e os universitários, fizessem pesquisa nos bairros pobres, porque iriam encontrar grandes valores que poderiam ser aproveitados e estudados".

"A Universidade deveria valorizar, divulgar, promover exposições anualmente. Porque a arte é aceita e admirada só por colecionadores e milionários, talvez assim ela poderá se tornar universal."

"Quando crio, sinto confiança em Deus, segurança em mim e necessidade imensa de me isolar".

PRÊMIO DA LOTECA

Fiz um pedido ao meu santo preferido
Fiz também pra xangô e oxalá
Pra ganhar na loteria esportiva
Ganhei milhões chuá, chuá, chuá, chuá

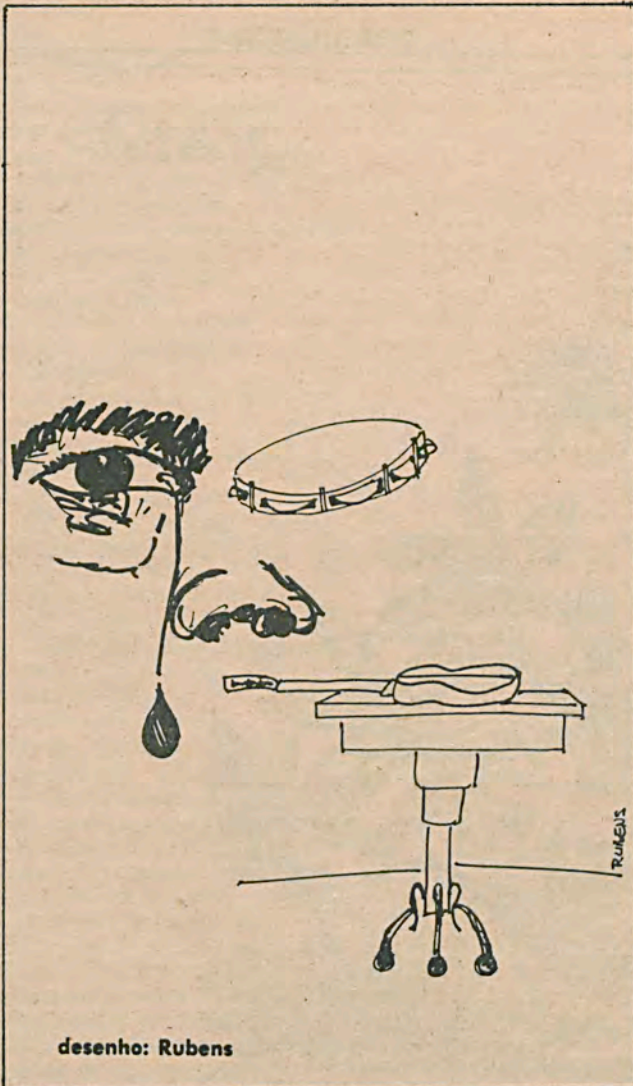
Se a sorte está comigo
Não quero nem saber
Aparecerão mil mulheres e amigo
Boto tudo pra correr
Empreguei o meu dinheiro
Todo neste carnaval
Desfilando a minha fantasia
No teatro municipal.

Castália.

Lenda da época das árvores

Afirma-se que eles estiveram aqui. Diz-se até que inventaram aparelhos estranhos, com os quais se locomoviam, se faziam amar e desejar. Conta-se que montados neles, como em cavalos, iam a toda parte. E quando se escondiam da noite, faziam um fogo mágico e introvertido, que brilhava muito. E que depois da ceia, espíritos de seus antepassados surgiam em aparelhos chifrudos, a fazer festa e contar histórias alegres e trágicas. Alguns dizem que havia uns aparelhos vermelhos por onde se podia conversar com os distantes. É difícil crer que isso tenha acontecido. Nós estamos já a dez séculos aqui e ainda não descobrimos o que era esta coisa pela qual viviam, sofriam e se matavam e que chamavam amor. Como acreditar que eles voavam se, os pássaros, desde que os conhecemos, se suicidam diariamente tentando fazê-lo? Ouvi ainda, de uma criança, que eles nasciam uns dos outros. E que para isto, era necessário paciência, pois que era privilégio de alguns e demorava muito tempo. Contou-me ainda esta criança, que apesar das tribos serem grandes, eles viviam em grupos de 4 ou 5 e construíam fortalezas para se defenderem dos grupos vizinhos e que só se uniam esporadicamente para lutar contra outras tribos. Sussurraram-me outras bocas, que eles se tocavam muito, ora com as mãos, com os pés, com todo o corpo, ora com objetos dos mais estranhos feitos, e que isto os fazia gritar, gemer e, às vezes, até murmurar. Outras vezes, urravam. Pareceu-me emocionante. Nunca tinha ouvido antes, histórias de animais tão ativos. Os animais me pareceram sempre distraídos e preguiçosos.

FERNANDO ZANETTI/JORNALISMO



desenho: Rubens

Quando o Carnaval chegar

Quando o carnaval chegar,
viu Maria,
quero enlevar teu corpo
junto ao meu,
ir prá rua e sambar.
Teus olhos vou fitar
com alegria diferente;
com desejo louco
teu corpo vou apertar;
e, uma paixão medonha
vai nos abraçar;
e, um pensamento grande
— do tamanho da cidade —
vou pensar;
e é como grandão
— grandão de grandão Maria —
qu'eu vou te amar;
pois, esse carnaval
é manhã
que vem vindo
escorrendo no suor
do gingado cotidiano
do nosso corpo, Maria.
Quando o carnaval chegar,
viu Maria,
cê vai ver
e João, de novo, pegar a cuica
coitado, calada,
solidária a chamar
o violão encostado num canto, empoeirado,
do Tião, a buscar
o Chico do pandeiro triste, aposentado,
a gritar
pelo repique-pique
da moçada ali da vila
que num abraço arrojado
aproxima a gente todinha
e o canto silenciado e engasgado
ardente no peito da gente, Maria,
vai explodir de alegria,
e a emoção nos tomará,
e, corpos estarão nus
a sambar-celebrar
esse carnaval-manhã
que quando chegar, Maria,
não vai terminar.

Jozimas Geraldo Lucas (P.F.T.H.C.).

"Quando escrevo me sinto como um pássaro ao sair do ninho, livre de seu cordão umbilical e da dependência dos pais, é como se viesse um outro mundo, um mundo de idéias que adquirem forma através da palavra; nem sempre consigo fazer isso pois que preciso estar envolto numa atmosfera de êxtase e alegria interna para atingir meu objetivo, e isso nem sempre é possível, mas de qualquer forma sempre tento, já que, mesmo quando o trabalho é reuim, temos sempre meios de melhorá-lo! Enfim, quando passo "das idéias à palavra", sinto-me demasiadamente livre, solto e magnificamente FELIZ.

PROFETA - secretaria da Fac. Psicologia

VOU BEM, OBRIGADO!

Tudo era paz, tudo era amor na Natureza, então surgiu o homem e perguntou ao Coelho: — Como vai? Este lhe respondeu: Vou bem, obrigado. O homem fez o mesmo com "quase" todos os animais e a resposta foi sempre a mesma: Vou bem, obrigado.

Ao término de sua caminhada o homem deparou com um velho Macaco (o único para o qual não havia feito a pergunta), que vendo-o desceu do galho onde estava e perguntou: Como vai, SENHOR? O homem então lhe disse: — Como ousas interromper a caminhada de uma espécie superior como a minha, seu imbecil que nem sequer anda de dois pés!? O velho Macaco muito calmo disse: SENHOR, interrompeste a caminhada de "quase" todos os animais, por que então não queres ser interrompido? O homem, com brutalidade, o empurrou e prosseguiu seu caminho, sem sequer dar uma resposta.

Na manhã seguinte o homem partiu para a mata e, ao passar por onde se encontrava o velho Macaco, este falou: — Bom dia! Vais à floresta confraternizar com os animais, SENHOR? Teve então como resposta: — Não, imbecil, vou caçar! E ao dizer isso partiu.

À tarde, quando, pelo mesmo caminho voltava trazendo às costas um saco cheio, o Macaco disse: Boa tarde, posso saber o que trazes nesse saco, SENHOR? O homem, já nervoso com a presunção do animal, disse: Com prazer, seu idiota curioso, trago comigo trinta Coelhos que cacei durante o dia. Mal ele acabou de falar o Macaco o interrompeu e disse: — Para que queres trinta Coelhos, SENHOR, se apenas dois ou três te bastam? Será que matas por prazer, SENHOR!! E a troca de elogios prosseguiu: — Ora essa! Mato por prazer e pelo lucro, idiota! Por que caçaria dois ou três Coelhos quando posso caçar trinta!?

Dizendo isso foi embora para voltar na manhã seguinte. Como de costume ao passar pelo dito local, o Macaco o interrompe e pergunta: — Vieste caçar novamente, SENHOR? Este, furioso, diz: — Sim, vim caçar;... vim caçar você!!! Sacou o punhal e ...

Após a morte do velho Macaco os outros animais julgaram necessário uma reunião a fim de decidir o que fazer; e assim marcaram para às doze horas do dia seguinte a dita reunião.

Às doze estavam todos lá, do Verme ao Elefante; do Beija-Flôr ao Condor, e após três horas de calorosa discussão resolveram atacar de todos os modos os opressores — O HOMEM — de tal jeito que não haveria defesa.

Assim o fizeram; e ao cabo de um ano os homens da região eram amigos da Natureza como o eram de si próprios.

Veja. Agora aproxima-se um Leão; ele caminha em minha direção. Pronto. Aqui está ele me perguntando:

— Como vai "amigo" ?

— Vou bem, obrigado.

Leitor, eu te pergunto:

Como vai — SENHOR ou "amigo" — ?

PROFETA
(Secretaria Fac. Psico)



ZIRAUJO

“Meu processo criativo é espontâneo, é como o sentimento do músico, aquela transposição de alma/coração para o papel. Quando me sinto de certa forma deprimido /demagogo ou irado a ponto de ser reprimido de outra forma, uso a arte. Criar é sinônimo de buscar algo novo para mim. Batalhar em cima de qualquer tema ou material para marcar aquela idéia ou vontade. A criação geralmente se dá à minha revelia. Criar significa pensar sobre a sua vida e a vida dos outros, significa êxtase, gozo, ou loucura de um momento só. Criatividade é viver



dinamicamente a vida. Essa criatividade, voltada para os intentos da Universidade, sociais, políticos, etc. é uma experiência válida. É aplicar a cabeça nos desafios que esta Universidade nos apresenta — a semente está lançada.

WILSON ESTEVES

No balanço do trem
nus
nus e sem problemas
qualquer um
fica
fica a beira
sem náuseas
sem borbulhas
Das flores de mato
do mato verde, de cheiro de eucaliptos,
do cheiro
acre
chão-terra
nos pastos, nas árvores
nos formigueiros, nas ruas
estreladas
Nos morros dos corvos
nus...

Wilson Roberto Esteves
Economia 1º ano

PRESENÇA

A árvore
muda
espera
o vento
fazê-la viver

Beatriz aneleH
(Pós - Ci. Sociais)

(...) Fartura?

Estou cheio desta vida vazia,
Estou saciado desta escassez;
Estou morrendo por estar vivendo,
Estou brigando por estar em paz;
Estou farto do cinismo cometido;
Estou farto do egoísmo atrevido;
Estou farto da canção nua,
Estou farto de andar só pela rua,
Estou farto de bênçãos supérfluas,
Estou farto das noites e das luas,
Estou farto dos dias e dos sóis,
Estou farto dos rios e dos anzóis,
Estou farto das nuvens, dos pássaros
do ar, porque esqueceram de me amar.

Álvaro Ben-Haja da Fonseca
Direito Manhã

Se meu corpo de sono
Despertasse esse rosto de tempo;
Se essas mãos sujas de terra
Tocassem esse corpo cortado de cotidiano
E abrissem esses olhos cheios de humano;
Novamente me atreveria
Sonhar esperanças,
Viver a espontaneidade nua da vida,
Lutar corpo a corpo com a morte,
E morrer nesta presença.

Jozimas Geraldo Luças, (P.F.T.H.C.).

A flor do campo está lá,
Sózinha na imensidão
sem um elogio, mas continua linda
eu a vi.

João Rodrigues, (Economia).

TERRA FÉRTIL

Viva na terra que lhe dá o que comer
e sofra por mais um delito não cometido;
morra na terra que lhe dá o que comer,
porque só ela merece que se cumpram
todas as bênçãos de vida,
todas as mortes abençoadas.
Lute pelo trigo que lhe negam,
faça a massa que lhe convém,
se não a comeres, outros o farão,
não se preocupe.

Bi Schneider

CHEGA DE SONHOS!

A praia areia está seca
branca
O mar todinho passou para o céu
azul azul
Não! Não! Nada disto.
É o dia nublado,
faz o meu navio ficar de ponta cabeça.

BEATRIZ aneleH (Pós Ci-Sociais)

A Morte Pela Raridade

Margerie Young (1943)

Eu temo, temo a raridade
do falcão da noite, graça, goela de rubi; temo extintas
(por inimigo não sabido)
a íbis rosada bico-de-espátula e a alva graça real; mortos

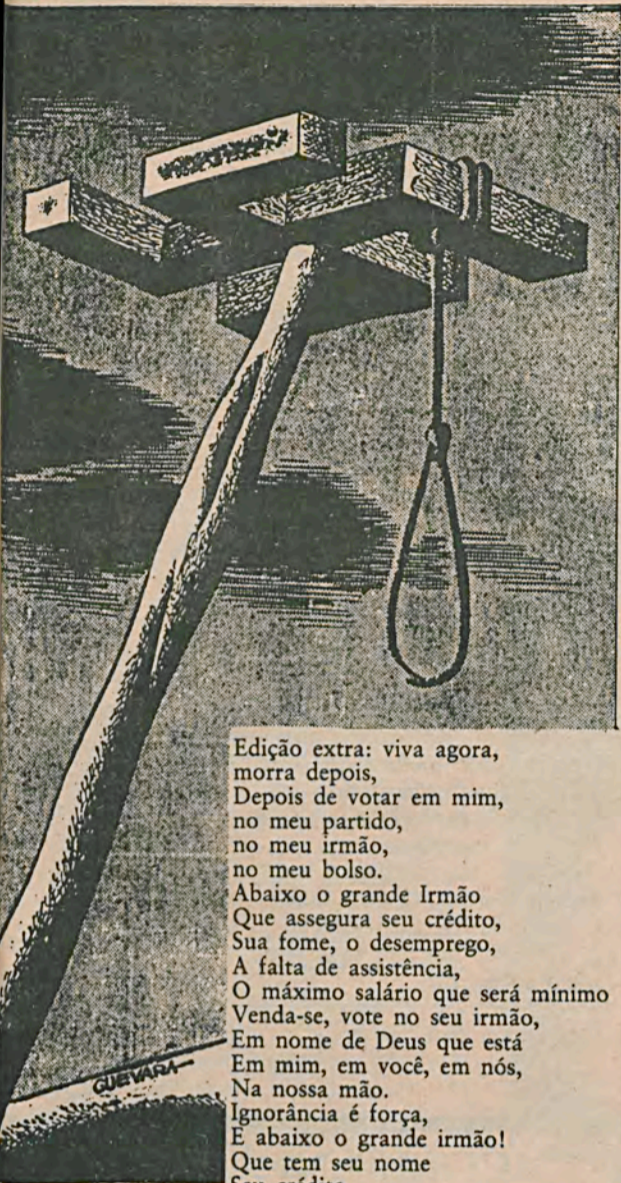
por uma guerra oculta de extermínio
contra todos, contra um, o galo-tímpano, o flamingo
e o selvagem cisne-clarim, por mais que se escondam, são
onde encontrados, alvo de caça e chacina,

pois a raridade precede a extinção, como a doença
a morte, há cansaço na
perfeição da concha e a ave perfeita
não vai nascer nunca,

e eu temo a raridade que oprime os encantados
pássaros com nomes de poemas
e a raridade deste sangue tão íntimo
— duro gelo em veio de ouro.

Tradução: Décio Pignatari, 1978





Edição extra: viva agora,
morra depois,
Depois de votar em mim,
no meu partido,
no meu irmão,
no meu bolso.
Abaixo o grande Irmão
Que assegura seu crédito,
Sua fome, o desemprego,
A falta de assistência,
O máximo salário que será mínimo
Venda-se, vote no seu irmão,
Em nome de Deus que está
Em mim, em você, em nós,
Na nossa mão.
Ignorância é força,
E abaixo o grande irmão!
Que tem seu nome
Seu crédito
E sua alma também.
Guerra é paz
Liberdade é escravidão
Ignorância é força
E você, não é Ninguém...
Olhe ao seu redor!
Quanta gente, não?
Quando lhes convier
Serão seus irmãos,
Quando os impedir
serão seus carrascos,
Sua força, seu poço,
De onde vem uma voz
Humilde e lamentosa
Dos pássaros de ontem
Que já pagaram o amanhã.
Pára, já pensou demais
Já está na hora de pegar
O ônibus das seis
Para chegar a casa e ouvir
Os gritos das crianças,
Da mulher e cobradores
Andou abusando, não é?
Comprou feijão e arroz este mês!
Quem mandou esbanjar?
E a novela?
Perdeu algum capítulo?
Nunca jamais, impossível...

E o jornal?
Como é caro!
Quem sabe ele pode
Forrar seu teto
Que goteja sobre seu peito;
O chão que se afunda
sob seus pés descalços;
Ou, talvez, as paredes que cravam
no seu peito o peso das
Responsabilidades que se acumulam.
Abaixo o grande irmão
Abaixo o Grande Irmão
Que leva seus filhos
À escola de bancos podres
Água suja, lanches curtos
E lousas negras
Em luto pelos ensinamentos
Que nunca entenderão
Ou terão consciência
Da existência
Se é que existem!...
Eles aprendem a escrever e ler
Livros que nunca comprarão
Ou chegarão a ver!
Sorrirão pelas brincadeiras
Poucas e já pré-concebidas.
Sua criatividade será bloqueada
Pelo próprio esforço dos pais
Que lhes dão objetos
De consumo imediato
Compacto, numa só dimensão
Bloqueada Pelo Interesse do
Seu Próprio Grande Irmão!
Desde pequenos serão informados
Dos deveres como cidadãos
De uma pátria heróica e furtiva
Dos direitos até ignorados
Pelos próprios proprietários.
Desde pequenos serão doutrinados
A obedecer à aristocracia
Que se assenta sobre nossas
Cabeças feridas pelo salto de
Indivíduos estrelados até o peito.
Em nome de um emblema
De letras escritas a pó
Que se espalha com o vento
E embaça nossos olhos não nos
Deixando lembrar
Letras incolores, sem sentido,
mas incentivadas
Pela nossa passividade
Pela nossa covardia
Em ver nossos gritos abafados
nossas lágrimas sugadas
E nossos sorrisos alinhavados
Por mãos gélidas e contusivas,
Sem levantar nosso orgulho,
Nosso peito, nossa espada,
E gritar:
Abaixo o grande irmão!
Abaixo o grande irmão!
Que sabe que não nos revoltaremos
Enquanto não nos tornarmos conscientes,
E não tomaremos consciência
Enquanto não nos rebelarmos
Pela liberdade de dizer
Que dois e dois são cinco.
Admitindo isto, tudo
O mais decorre.
Abaixo o grande irmão,
Pois, Guerra é paz,
Liberdade é escravidão,
Ignorância é força...
E você... é meu irmão...

Maria Emília Moreira
(MEDICINA - SOROCABA)

CARTA I

“O poema do Fernando é a melhor coisa prá
apresentá-lo. Na carta que o amigo escreve
pro Vlado vai fluindo o que esse amigo sente e
é. E ele chega perto de nós por causa disto,
mais do que por ser o marido de uma
professora de PFTHC. O meu companheiro
se torna então, no nosso companheiro” TÊ.

eu não vi teu corpo
Wladimir Herzog
eu não sei quantas vezes
em quantas dez horas
teu corpo escondeu
as palavras-dardos que te deixaram
irremediavelmente marcado
eu não vi teu corpo
Wladimir Herzog
eu vi uma foto
com data
mas as fotos três por quatro
com data
dizem apenas que tu estavas vivo
no dia daquela data
e que no dia daquela data
tu até esboçaste um sorriso
eu não vi teu corpo
Wladimir Herzog
eu vi apenas um caixão
eu vi apenas um barulho surdo de terra
sobre madeira
eu ouvi tantos olhares
e tantos choros nos olhares
e tantos choros nos silêncios
mas eu não ouvi teu corpo
wladimir herzog
eram tantos corpos curvados
tanta vontade de explodir
tanto grito arredio
tantos homens e mulheres
olhando um olhar contido
mas eu não vi teu corpo
wladimir herzog
nem vi cada parte do teu corpo
nem vi cada olhar que você esparramou
e se perdeu em cada canto
em cada parede
nem vi teus gestos olhares silêncios
irremediavelmente perdidos
eu não vi nada
eu não sei de nada
continuo não vendo
continuo não sabendo
estou diante do mundo
diante de um país
diante de um estado
diante de uma cidade
diante de um cemitério
diante de uma sepultura
diante de um caixão
estou
mas eu não vi teu corpo
wladimir herzog
estou diante de mim
e diante do teu retrato
três por quatro
e do teu quase sorriso
e da tua vontade
maior do que as paredes
maior do que as palavras
e do que os dardos-palavras
que marcam
demarcam e deformam
e matam
estou diante de ti
wladimir herzog
estamos diante de ti
wladimir herzog
e estaremos

Fernando Rios (Jornalista e Professor)

Salete Quintas,
(medicina-Sorocaba)

João, 34 anos, casado, come, bebe, dorme, trabalha. Sem passado, sem futuro. Nenhuma aspiração. Nenhuma
palavra a ser dita. Representante de uma população, adora o Grde. Irmão. Sem filhos, mulher e amigos também,
existe o vento a água, o sol. São apenas figuras que são vistas furtivamente em livros de estórias proibidas pelo
Grde. Irmão. Ele sabe o que é melhor para João.

Massa de João 65 Kg
Impulsos controlados, sensações reduzidas. A servidão beneficiada pela inconsciência. O nada que domina o geral. A
passividade branca e inerte.
Atenção! Atenção! O Grde. Irmão anuncia!
Polhas em volta dominam a situação
Como espalhados anunciam sua chegada.
O surreal ressaltado pelas inverdades.
Custos deformados que são mortos e escondidos às pressas.
As conclusões prontas à venda em todos os supermercados e lojas do ramo.
Tudo isso de uma Bolha de concreto!...

Nããão...
 Não, não e não
 Moleque teimoso, não faça isso...
 Não mexa nisto...
 Deixa quieto tudo
 Nada lhe pertence: o vaso não é prá quebrar;
 O chapéu do vovô não é prá amassar; a parede
 E o chão não podem ser pintados, etc, etc...
 E assim se começa a percorrer
 A trilha dos "nãos".
 Um dia chega a Escola e a família faz
 A gente dizer sim a ela
 Lá aprenderemos um monte de jamais, nuncas,
 Necas, "nots". Que completaram a
 Educação que todos acham que a gente
 Deve ter e é a mais correta
 Respeitaremos a sociedade, trabalho,
 Religião, princípios, conceitos, costumes.
 Cumpriremos assim, muito bem,
 Os nossos deveres.
 Aí surgem as descobertas; novas experiências.
 E os conflitos, as dificuldades pintam
 A estrutura não tão sólida, balança.
 Reflexos de uma formação considerada por
 Princípios e valores a ideal.
 E até a diversão, nos dizem qual deve
 Ser feita e lá vamos nós ao
 "maravilhoso, deslumbrante carnaval..."
 "futebol brilhante que treme a terra"
 "sacou meu irmãozinho, rock pesado é isso aí..."
 "mulata a tua cor não nega..."
 "plim...plim, plim...plim"
 "mãos ao alto, quietinho..." "tchan, tchan, tchan..."
 "música hoje no parque, tamos lá e..."
 "o samba é o mais alegre (apesar de cheio de
 brilhantes e lantejoulas) e ingênuo..."
 O cartaz diz: "a maior produção de todos
 os tempos na tela."
 "mais um com muito amor, sexo
 e violência."

"sou, sou, muito loquinho..."
 "você num (sic) tá cum nada (sic)... eu brigo...
 só brabinho (sic)... ôpa, num mexe rapaz..."
 "vrumm, vrumm, mas que máquina, topas
 um rachinha..."
 "nhamm, nhamm, nhamm..."
 "coisinha louca, maluquice... me deixa
 louco... nhem, nhem, nhem..."
 "deixar o corpo ficar..."
 "papagaio feio esse seu, mas num chora não viu..."
 "vamos jogar bolinhas..."
 "barzinho gostoso aquele do canto da rua..."
 "magina aquela discoteca..."
 "já jogou castanha... e peão..."
 "tá, tá, tá-rá-tá-tá, rá-tá-tá-rá-tá-rá..."
 "eu pulo, eu pulo, pulo sim..."
 Todo dia eu faço tudo sempre igual,
 Tento me sacudir às 6 horas da matina
 Prás 8 conseguir acordar
 Quando já estou de cartão batido
 (Eis o primeiro passo prá se começar um
 Dia de trabalho
 Me lembro de frases como:
 "O trabalho dignifica o homem, enobrece-o".
 Constato quanta vagueza as palavras trazem
 Bramm, raio de frio...
 E começa-se a cada dia um dia de
 Jambro, trampo, guerra, batalha ou trabalho
 (Como queira aquele que fala)
 Atividade que consiste no desprendimento
 De energia na produção de algo, vamos
 Trabalhando.
 Trabalho e sobrevivo.
 Mas principalmente para não passar por
 "Parasita" de uma "sociedade exemplar"
 Que no sacrifício de cada dia
 Constrói o "grande futuro"
 Da família e del pátria.
 "É tarde eu já vou indo..."
 Raio de frio (tempo idiota)

Esquenta, esfria, esfria, esquenta (continua idiota)
 Assim a minha bronquite, sinusite
 E as outras "ites", não se curam
 Talvez só o tempo bom me fizesse bem,
 Nunca ouvi falar que poeira, fumaça,
 Britadeira, "out-door", buzinas,
 Neuróticos, fome, misérias, pestes e
 Vermes agradassem ao "estômago" de alguém.
 Mas quem sabe, sabe e diz
 "Diz que deu, diz que dá, Deus dará..."
 E lá vou correndo atrás daquilo
 Que me dará a salvação e a fuga
 Dizem que dará.
 Me ensinam que Ele é bom, merece respeito,
 Mete medo, perdoa, que dará
 (Sujeito complicado).
 No domingo a missa
 Como do pão e do vinho das ceias importantes
 Rezo, oro, peço
 "Pão nosso de cada dia nos dai hoje..."
 "...Assim na terra como no céu."
 "Amém."
 Imploro e berro
 "Ele nos salvará: os bons e respeitadores.
 Aqueles que não aceitam a vida como ela
 Nos é imposta irão para o reino dos infernos.
 Acreditemos no Senhor que nos acolherá
 Num mundo melhor que este. Amém..."
 Ou continuo procurando
 E tento descarregar nos outros
 Os meus tropezos
 Despacho vai, despacho vem
 Papai Olorum, Oxossi, Iansã, Iemanjá,
 Comandam os cabrestos.
 E tudo por que me ensinaram
 Me impuseram
 Me quebraram a cabeça e enfiaram
 Que quem deu, dará...

Aurélio de Macedo Santos
 jornalismo

LAOS

Ele planta arroz há milênios,
 Nas planícies silenciosas do Laos,
 Ele constrói barragens de palha,
 Para alagar os campos altos,
 Ele nasceu numa terra,
 Onde a paz e o trabalho se irmanam na rotina,
 Ele é filho do sol,
 Irmão do vento e da chuva,
 Como todos os seus irmãos,
 Há milênios que ele planta arroz,
 Sob o mesmo sol, a mesma chuva e o mesmo vento.
 Os elementos sabem da longa história,
 Dos seus antepassados.
 E as dinastias passam, e a terra fica.
 Ele olha com amor a terra que é sua,
 Depois sua gente humilde,
 Os arrozais, os diques e as montanhas.
 Hoje as nuvens passam indiferentes à sua dor,
 A casa calcinada com napalm,
 Os diques já sem água, os arrozais sem cor.
 As crianças que não brincam,
 Os jovens que não sorriem,
 Os anciãos que já não vêem.
 Noite e dia a vigília não descansa,
 O alerta pode vir a qualquer hora,
 Assim que os pássaros da morte,
 Surgirem do Ocidente...

Assis Guimarães (TUCA)



COMPANHEIROS

Como nos tempos do mato selvagem
 Quando as luas cresciam ou minguavam
 À sua presença ou ausência;
 Como e de jeito que o sorriso nos olhos
 Fosse matreiro, segundo e terceiro,
 Reciprocidade veloz e crescente
 Como insultos fortemente motivados;
 Como nos dias de luz
 Quando brincávamos de túneis com nossas almas
 Para que pudéssemos ver os nossos corpos fosforescentes
 Amando-se languidamente no sofá;
 Como e de jeito que todos nós fôssemos juntos
 Cantando por não sentir fome
 Amando por não guardar medo
 E com preguiça bastante para sermos homens
 E não nos envergonharmos de nosso prazer;
 Como na época dos trens
 Quando era preciso apenas ser vago para ir embora
 A pé pelos trilhos
 E só como bagagem os olhos, dois brilhos,
 E a cabeça, coração vulnerável,
 Desprezando nosso mal passado futuro;
 Como e de jeito que nunca tivéssemos êxito,
 Pra que nossos lábios estivessem sempre
 Ao alcance do nosso silêncio,
 Como uma lâmpada queimada
 Pelo sol das frestas das árvores,
 Bela e inútil.

Fernando Zanetti
 Jornalismo

"Quem já experimentou salada de fruta,
 não vai querer mais banana estragada...
 um dia resolvi não abandonar a banana
 estragada... Assim, nasceu em mim um
 grito, que se vai transformando no grito
 do meu povo. Basta querer grita... silen-
 ciosamente. Na Universidade é que fui
 alertada que era preciso falar, falar
 claro por entrelinhas. O gostoso aqui é
 ver que tem gente que aceitou gritar
 comigo".

Márcia Spaolonzi
 3º pedagogia - secretária

NÃO SE DERROTA, NÃO,
 NÃO SE...

Se calam a minha boca
 Meus olhos existem
 Se fecham meus olhos
 Minhas mãos existem
 Se algemam minhas mãos
 Meu corpo existe
 Se derrotam meu corpo
 Eu estive presente
 Se esquecem minha presença
 Jamais apagarão a primeira fala
 pela qual me calaram
 Vês ?
 Não se derrota não, não, não se...

Márcia Spaolonzi

VAI

Arrebenta estes "nãos" colossais
 Quebra estes caminhos truncados
 Acha tua língua única
 Canta um canto desesperado
 Uiva como o cão na noite-lua
 Faze sob o signo Latino-Americano
 mil bruxos de pano
 mil feitiços
 mil quebrantos
 Liberta este diabo oculto
 Mostra a eles tua verdadeira cara!
 Escarra sobre eles tua LIBERDADE.

Márcia Spaolonzi

Ouve
 do Ipiranga
 às suas margens
 de um povo
 heróico
 o brado amordaçado
 E o sol da liberdade
 brilha
 no céu de cada boca
 E o penhor dessa igualdade
 conquista-se com brado forte
 Ouve do Ipiranga
 de um povo heróico
 o brado amordaçado

Beatriz anelH
 (Pós em Ciências Sociais)

Audio visual arrancado a Fôrceps

Professor prova que teses profundas não precisam ser chatas

O MACACO TÁ CERTO

PORANDUBAS: Então, como nasceu este audio-visual?

BENO: Comecei a notar um vazio no material didático existente. História é uma matéria chata. Em 1969 me caiu nas mãos um trabalho de Engels sobre a "Transformação do Macaco em Homem pelo Trabalho". Fiquei impressionado pelo enfoque do trabalho através da História. Tive a idéia de fazer um filme sobre o assunto, para dar uma linguagem mais acessível.

Então, conheci o Laerte, que fez os desenhos. Durante o trabalho percebemos que a obra de Engels é atual, embora suas afirmações de genética, biologia, estavam ultrapassadas: era necessário buscar outros materiais. A gente esperava terminar em 1 ou 2 meses que se transformaram em anos. Trabalhávamos nas horas em que eu e ele tínhamos tempo, sábados, madrugadas. Esse audio-visual foi arrancado a saca-rolha. Outro dia um aluno disse que este trabalho não foi de parto mas um fôrceps — falou. Queremos com isso quebrar o esquema de que ciência é o sério-de-gravata. Os recursos didáticos deveriam tratar do científico com suavidade, com humor.

DISFARÇAMOS O SEXO DAS FIGURAS

PORANDUBAS: Como foi o processo criativo de vocês?

BENO: Um ponto a favor é que o Laerte não é só um bom desenhista. Ele tem bagagem cultural, sabe alguma história, filosofia, etc. As coisas foram criadas ao mesmo tempo, desenho e texto saíam juntos ou se fecundavam. Cada quadro era discutido, rejeitado ou



aprovado no ato. O esqueleto já estava definido. O "frisson" pelo resultado era muito grande. Este audio-visual foi tão importante que ousou comparar o dia de sua estréia com o do nascimento do

Gonçalo, meu filho. O "fôrceps" foi por causa do falta de condições de trabalho generalizadas nesta terra. Acho que sou criativo: deve ter outros milhares por aí. Eu tive chance, classe média, esses pa-

pos. Outros não tem sequer condições de saber que podem criar. O subdesenvolvimento entrava o processo criativo. Se tivemos auto-censura? Poxa! Pra começar, as figuras têm o sexo de alguma forma tapado. Isto foi consciente mas foi auto-censura do mesmo jeito. Além disso, quantas escolas não rejeitariam nosso "produto" ao verem o Adão vestido "a caráter"? Essa coisa nos violenta mas temos que conviver com ela, vencendo-a aos poucos.

Importantíssimo foi o Capobianco, que transou foto e som. Ele que deu movimento à coisa. Apaixonou-se à primeira vista. Saímos do estúdio que ele montou às 5.30h do dia da estréia, que seria às dez horas. Bêbados de sono e alegria.

O ACADÊMICO E O CRIATIVO
PORANDUBAS: Vocês notaram que diferenças entre o discurso universitário e o criativo, do audio-visual? BENO: As coisas são complicadas quando são feitas complicadas. O simples não é sinônimo do simplismo. Profundidade e humor não brigam. Eu satirizo o que quero ver denunciado, gosto de mostrar o rei sem roupa, como o Pasquim. É importante não perder o respeito pela busca da verdade: é muito mais interessante buscá-la sorrindo do que sisudo. Os lugares onde se transam recursos didáticos cheiram a mofo, onde o comercial vale mais que o científico, a inércia supera a criação. Salvo exceções, o tradicional é a marca da pedagogia. Quem tem grana não tem idéia e vice-versa. Vamos tentar mostrar que audio-visual compensa comercialmente. O material de bom nível é sempre requisitado: já recebemos convite de várias escolas, até do Rotary... (contatos com o Prof. Benauro pelo telefone 212-4852)

Não tem título

...Todos nós necessitamos que alguém nos consuma, senão, não teríamos a capacidade de saber o que é ser consumido, ou, ser consumido é desejar se consumir violentamente, na calma duma anarquia de sentimentos.

Conheci uma pessoa, que conhecia alguém que não conhecia. Busquei nesta pessoa um consumado consumido conhecimento, que não era, mas passou a ser, fui uma segunda pessoa, consumada pelo conhecimento que não era consumido.

Esta pessoa e eu nos olhávamos indecisamente, busquei algo, que ela buscava no próprio algo, rimos um

pouco, porém sem falar algo para se rir, em breve, sem seguir uma linha de pensamento, a pessoa deixou-se sobre minhão mão, que levantou-se, pela ponta dos dedos, a pentear-lhe os cabelos, não consigo dizer o que estávamos dizendo e sentindo, em palavras, agora, aqui.

Foi num frágil momento, de um inerte tempo, que voou no gás do pensamento, que procurei, ouvir o que esta pessoa, disse-me, mas ela falava a mim, sem dizer nada de mim, olhava-me apenas.

Saímos do consumo, ao entrar-nos adentro de nós mesmos, e todos os conhecimentos que até então tive, todos os conceitos e limitações, pareciam-me "inverdadeiros". Esta pessoa, falava-me com o corpo e coma mente, e disse-me algo a respeito de nós, disse-me:

Foi isso que me disse, não usou nenhum truque sonoro nem gráfico, usou apenas o corpo físico em movimento, nem os gestos eram um complemento, mas um fim inicial...

"Quem sente tem a versatilidade de mentir e a ambigüidade de escrever"

Sinto que sendo, o indefinível, verdadeiro, existe, porque creio.

Num sono estático da minha posse antética do teu ser, SONHO-ME...

Através de teus atos, o reflexo de meus sonhos.

Ao recair da obscuridade, este ser que acordávamos juntos, havia caminhado para fora do meu sono.

Levantou-me no encaço de seus olhos claros, e os vejo, nos meus escuros. Abro a porta do segundo quarto, e vejo que não se foi.

Lá, sentado, servindo de objeto à janela que o espiava, com olhos entristecidamente contentes, buscavam o nada, o nada que também compunha seu corpo. Suas mãos apoiadas na cama, pressionavam os lençóis, e a boca bem feita, um tanto aberta, quanto a porta do segundo quarto, seu corpo, completamente despedido das modas, das traças e das quebradas.

A falta tua da percepção, minha expressão, anula.

Dispo-me das vestes de tua sombra, meus olhos iluminados através dos teus, perdem em solidão, na minha distância, alada à tua, adentra.

Virou, olhou para mim, deu meio círculo com o corpo, deitou-se na segunda cama, uma perna de seu corpo, prendia-os ao solo a outra, curvada sobre a cama, seu braços completamente abertos para um segundo sono, estendeu-se até a nuca, mexeu a boca, ao solicitar-me um beijo com cheiro de vinho verde, da minha busca.

Quebrei copos, e quebro copos.
QuebrococosopocorbeuQ
RachorochasahcorohcaR
TapotocasacotopaT

Paralisei-me nas idéias, agasalhou-me o corpo da cama, que afoga o vinho nos rasos poros, e me vi diante do espelho

RACHOROCHASAHCOROH
ROHCA
QUEBROCOPOSOPOCORBEUQ
TAPOTOCASACOTOPAT

Levou-me este segundo o sono por alguns minutos que não sei como contá-los.

Eu não sei quando me sentei nesta máquina para escrever isto.....

Francisco A. Rodrigues.

MODAS
Jean

Moda Jovem

Rua Turiassu, 393 Telefone 62-5380

Curtas

REITORIA

A Reitoria precisou fazer um empréstimo ao BANEPA a fim de pagar pontualmente o 13º salário a funcionários e professores.

Reações sobre as taxas de 1979: a Anuidade foi reajustada em 38% com autorização do MEC. A Fundação São Paulo não irá solicitar permissão para cobrança de sobre-taxa. A comissão do MEC para esses assuntos estabeleceu que se o dissídio coletivo superar os 38% será complementada a taxa com até 70% da diferença entre o aumento salarial e a mensalidade dos alunos. Por exemplo: se os salários forem aumentados em 44%, (em 6% a mais do que o reajuste das mensalidades), poderá haver nestas um acréscimo de 4,2% (que é 70% da diferença entre 44% e 38%). Portanto, todos os alunos devem apresentar seus cartões na Contadoria Geral (sala 27-A do Prédio Velho) até junho/79 para o acerto a ser feito após o dissídio coletivo, em março.

CURSOS DE EXTENSÃO PARA 79

(entregues até 30/11)

Extensão Cultural

- Redação e Leitura em Língua Portuguesa de abril a outubro
- Inglês Oral de março a junho
- Língua Alemã - Estágios I e II março a junho
- Língua Italiana março a junho
- Dificuldades Escolares março a junho
- Extensão Universitária
- Aprimoramento da Expressão Verbal na área de Ciências Jurídicas - março a junho
- Física Aplicada à Medicina fevereiro
- Relaxamento março a junho
- Astrologia Clínica março a junho
- Especialização
- Direito de Empresa abril a novembro
- Estudo dos aspectos psico-sociais dos trabalhos com grupos março a junho
- Psicologia Organizacional março a novembro
- Direito Processual Penal março a junho
- Sintaxe e Semântica da Língua Portuguesa na Escola de 1º e 2º graus março a dezembro
- Psicoterapia Infantil, Adolescentes e Adultos.

AFAPUC — TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO

A taça foi pra Contadoria. Artilheiros: Ademir da Contadoria (5 gols) e Soares da Medicina (3 gols). O destaque foi a disciplina esportiva exemplar: ninguém quebrou cara de ninguém.

TESES

- 1 — JOÃO CASILLO: "Considerações sobre o erro ou vício da vontade". Orienta José Manuel de Arruda Alvim Neto. Direito.
- 2 — AUGUSTO J. FIEDLER: "Estudo sistemático da motivação humana na obra de Carl Rogers". Orienta: Abigail Morrone. Psicologia da Educação. Dia 27/12 às 8.30h.
- 3 — MARIA CECÍLIA BEVILAQUA: "Audiologia Educacional: Considerações sobre a audição em crianças da 1ª série do 1º grau escolar em Escolas Públicas". Orienta: Joel Martins. Audiologia.
- 4 — JOSÉ LUIS SANFELICE: "Educação Brasileira Contemporânea: da necessidade de uma prática educacional discriminatória à impossibilidade de uma educação igual para todos". Orienta: Moacir Gadotti. Psicologia Educacional. Dia 8/12 às 16 h.
- 5 — MARIA ELCI SPACCAQUERCHE: "Pai-Mãe-Professora e Amigos como agentes socializadores numa amostragem de crianças no contexto paulistano". Orienta: Sílvia Lane. Psicologia Educacional. Dia 1/12 às 9h.

CRECHE

Com referência ao artigo publicado no PORANDUBAS nº 16 sobre as faxineiras, tenho a dizer que fiquei muito surpresa ao saber que as entrevistadas não colocam seus filhos na Creche porque não podem pagar. Gostaria de deixar claro que para o pessoal da limpeza a taxa é de Cr\$ 100,00 passando a Cr\$ 150,00 no ano que vem.

É objetivo primordial da Creche atender a todos os funcionários, professores e alunos sem fazer distinção quanto a nível sócio-econômico da família. Já houve quem viesse perguntar se fomos "misturar" as crianças ao que respondemos que todas as crianças são iguais para nós. Com isso a pessoa interessada negou-se a matricular a criança.

Enfim, queremos deixar claro que a CREPUC não foi criada para atender aos funcionários "mais finos". E Ela está aberta a toda a comunidade e aguarda a visita dos interessados.

MARLENE PARO
diretora da CRECHE-PUC

CURTINHAS

CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL: será dia 22/12 às 12 horas. Haverá uma missa seguida de jogos e um generoso regabofe. Interessados em participar do Coral da Missa, procurem o Isaías, do Almoço, ramal 270.

Benvindos Juliana e Tiago ou Lígia.

Congresso Nacional do Ensino Superior Particular: dia 15 a 18/1 à rua Dr. Vilanova nº 228. No temário a Organização Administrativa, Papel do Ens. Superior na Modernização da Sociedade Brasileira, Centros de Prática de Ensino e de Pesquisa, Legislação e Cartas de Princípios. Interessados procurem Prof. Ary, ramal 391.

CARTAS

EMPADAS E HISTÓRIA

Restaurante da PUC. A conversa girava sobre "generalidades pedagógicas". Comparavam-se escolas, aulas dos filhos das estudantes-mães.

Eu, comendo empadas, espiava de longe. De repente, uma delas pediu vigorosamente a palavra. Querida contar algo sobre o "Descobrimento do Brasil": — Imaginem, disse ela, que o Júnior, de 4 anos, chegou da escola contando que "o Pedro Alves Cabal pegou uma calavela em Portugal, veio pelo oceano, deu uma tombada na baleia e caiu no Basil". A narrativa prosseguiu. A Tia confirmara esta aula de Estudos Sociais, mostrando orgulhosa os recursos pedagógicos empregados: um mapa com o contorno do litoral do Brasil e Portugal, o oceano apinhado de balceias (bons tempos...) e 3 caravelas.

Minhas empadas, quais elefantes recheados, tombavam no estômago. Todo enfarelado, refleti que afinal, uma criança não pode saber o que é "descobrimento", não consegue ter noção espacial dos dois países, não imagina o que é "oceano" nem "caravela". A História, para ela, se assemelha àqueles contos de fadas que renegamos quando adultos. Precocemente ensinada, a História passou a ser inverídica, mágica, distante, resistindo à interferência. A empada — coitada — levou uma mordida raivosa. "Isto é um crime", deixei escapar. Aquelas fiéis seguidoras da "escola piagetiana" afastaram-se desafiadas e nervosas.

Amarguei. Bonitas por fora e esturricadas por dentro, aquelas empadas. Pareciam-se com "aquele" história, que deturpa fatos, mina consciência e reflexão, aduba a apatia e a dependência.

(PAULO AFONSO RONCA)

UM DIA NA VIDA DO PROFESSOR DE PÓS

Ele começa o dia com uma adaptação Cooper: quatro lances de escada o separam da garagem até o térreo. Ofegante, enfrenta mais oito rampas, com velocidade que vai do devagar a quase parado.

Finalmente o 4º (?) andar. Abre a porta de sala e pelo ar disponível deduz o número de pessoas que o respiraram no dia anterior e quantas dezenas de cigarros ali foram fumados... Como a sauna que tem seu ápice ao meio dia. Caso chegue à tarde, há possibilidades de se refrescar na biblioteca, senão só à noite em casa...

São providenciados outros exercícios. Pelo menos uma corrida a cada meia-hora para atender ao telefone, em revezamento com a turma Secretária. Água se descola no corredor externo café, só se arranjar bule elétrico e Nescafé porque haja ofício para conseguir uma garrafa térmica Universidade.

Afinal, seria demais pedir estas coisas já que estamos providos de exercícios físicos que garantem o "corpore sano". Neste caso, pra que "me sana"?

Se o Pós não funcionar, pelo menos a PUC conseguiu sua Escola de Educação Física... (Sílvia Lane)

CLASSIFICADOS

(você tem o que vender, comprar, trocar; quer corresponder; perdeu alguma coisa? PORANDUBAS, classificados a preço de banana) VOCÊ QUER PARTICIPAR DE UMA COOPERATIVA HABITACIONAL DIFERENTE? Além do preço barato, pretende-se uma vida comunitária especial (promoções tipo creche, compras comunitárias, jogos, etc). A condição é ser assalariado, renda familiar de 18 mil, prestação de 6 mil. Será construído um prédio pelo INOCOOP. Para baratear os custos, pretende-se comprar o terreno. Interessados, corram atrás do Prof. Nicóla, ramal 313, Psicologia do Básico, todos os dias.

PORANDUBAS

R. Monte Alegre 984 - tel: 263-0211.
Redator - Jorge Claudio Ribeiro
Diagramação - Sydney Escobar
Composição - S/A. O Estado de São Paulo.
Impressão - Editora AFA Ltda.
Tiragem: 8.000 Exemplares.



DOCEIRA OFNER SEMPRE JUNTINHO DE VOCÊ

Num piscar de olhos levamos até você tortas de frutas, doces, bombons, bolos, salgadinhos e sorvetes, fabricados com carinho e higiene. Nas confraternizações de fim-de-ano, formatura, despedidas de colegas, conte com nossa presença. Doceira Ofner ajuda a aproximar as pessoas. Para sua festa não esqueça de nosso Panetone e a deliciosa torta de Sorvete.

Cinco lojas para melhor servi-lo:

MATRIZ: Rua Barata Ribeiro, 48 - 54

Telefones 256-7237 - 257-0339

Rua Caiubi nº 215 —
Perdizes
Tel. 65-4356

Rua Augusta nº 1611 — loja 14
Cerq. Cesar
Tel.:288-2182

Av. Brig. Faria Lima nº 1191
loja H 6 — Pinheiros
Tel.: 211-9210

Av. Ibirapuera nº 3103 — loja 18
Indianópolis
Tel. 543-7266